



Quatro anos atrás,
um pequeno quadro
causou grandes
transtornos para o
agente secreto Bob
Wittman. Aqui, pela
primeira vez, ele
conta tudo.

O CASO DO REMBRANDT ROUBADO

R
O

U

B

O

E DO AGENTE DO FBI QUE O RECUPEROU

Época de Natal em Estocolmo, 22 de dezembro de 2000, 16h45, para ser exato. A neve cobre o chão. Os últimos visitantes do Nationalmuseum se preparam para sair. Conversam e riem, mas o ambiente festivo está prestes a terminar. Nesse momento, ladrões estacionam um Mazda e um Ford atravessados nas duas ruas que levam ao museu, um palácio em estilo renascentista na ponta de uma península, quase todo cercado de água. Banham os veículos com fluido de acender churrasqueira e ateiam fogo. Depois, espalham pregos de aço pela rua, para furar os pneus de qualquer carro da polícia que tente passar.

Enquanto os carros explodem em chamas, três integrantes da quadrilha correm para o museu. Usam máscaras de esqui e têm pistolas e metralhadoras. “Todos no chão!”, grita o chefe, pondo uma pistola na cabeça de um guarda.

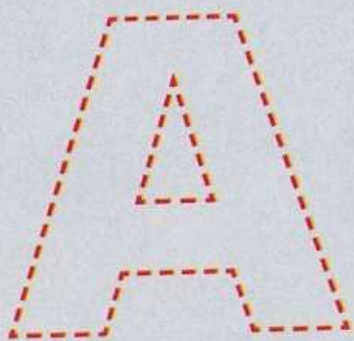
Os gritos ecoam pelos salões de mármore enquanto dois bandidos sobem correndo a escada. Sabem exatamente aonde ir, depois de passar meses estudando a planta baixa. O serviço é facilitado pelo fato de não haver proteção de vidro nem câmeras. Usando alicates, soltam rapidamente da parede um Rembrandt (*Autorretrato*, na página oposta) e o enfiam num saco.

POR SIMON WORRALL

Depois, cortam os arames que prendem dois Renoir e descem correndo as escadas com o roubo, passando por uma mulher que geme no chão.

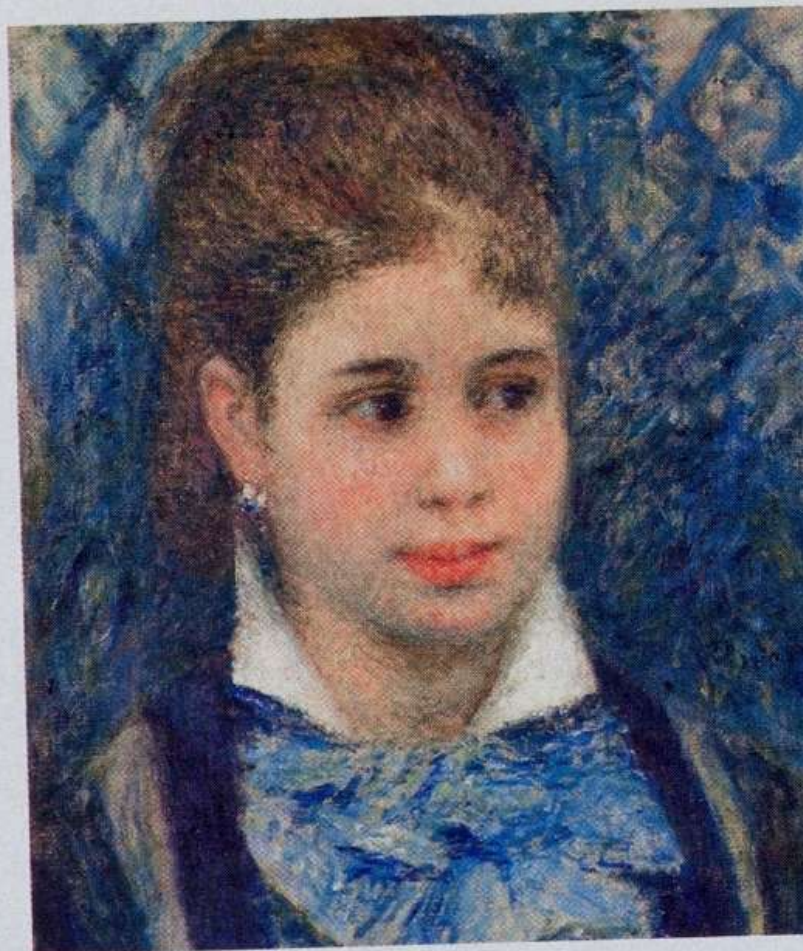
O chefe da quadrilha afasta a pistola da cabeça do guarda aterrorizado e a enfia na jaqueta *jeans*. Em seguida, os três mascarados saem correndo do prédio. Viram para a esquerda, outra vez para a esquerda e correm pelo ancoradouro atrás do museu, onde um cúmplice os espera numa lancha.

O barco segue para leste, passa pela Ilha Skeppsholm, por baixo da Ponte Danvikstull, e cruza a baía. Num porto usado por pescadores, os ladrões amarram o barco e desaparecem. Em menos de meia hora, termina o mais ousado roubo de obras de arte do século.



Suécia está de luto. Perder os Renoir foi um choque, mas o Rembrandt era um tesouro nacional desde sua

chegada ao país, em 1956. Para recuperá-lo, os suecos procuram o maior detetive de obras de arte do mundo. Nessa época, Robert Wittman, que se autointitula “guardião da chama cultural do mundo”, ainda comandava a Equipe de Crimes de Arte do FBI, grupo especializado de 13 agentes dedicados a recuperar obras de arte roubadas (ele se demitiu recentemente para trabalhar num escritório de ad-



Jovem parisiense, recuperado em Los Angeles.

vocacia especializado em obras roubadas ou falsificadas). Numa carreira de 20 anos, ajudou a recuperar mais de 250 milhões de dólares em obras de arte, como quadros de Norman Rockwell e Mark Rothko, uma armadura de ouro tirada de um túmulo no Peru e o cocar de guerra de Jerônimo.

“Salvar essas obras nos aproxima como seres humanos”, diz Wittman, explicando por que vai trabalhar todo dia. Além disso, o *Autorretrato* de Rembrandt caíria bem em seu currículo.

Nenhum artista pintou a si mesmo de forma tão obsessiva quanto Rembrandt van Rijn. Em mais de 90 autorretratos, desde o jovem despenteado da década de 1620 até o velho grisalho de 1669, ano de sua morte, ele criou um registro do envelhecimento humano sem precedentes na arte ocidental. O



O outro Renoir roubado, *A conversa*.

Autorretrato de 1630 é uma de suas cinco únicas pinturas em cobre e uma das menores, do tamanho de um livro de bolso. Mas, nesse pequeno espaço, há uma obra de genialidade atordoante: o retrato do artista holandês quando jovem, aos 24 anos, com toda a energia e paixão humanas.

De casaco marrom-escuro e com a boina preta displicentemente empurrada para trás sobre o cabelo crespo e castanho, Rembrandt nos fita com uma expressão ao mesmo tempo vulnerável e firme. Uma camada de valiosa folha de ouro faz as cores brilharem, como se iluminadas por dentro. Ao ser vendido pela primeira vez em Roterdã, no século 17, trocou de mãos por 35 florins, que equivalem a 35 dólares. Hoje, seriam necessários 40 milhões de dólares para possuí-lo.

Isso ajuda a explicar por que o roubo de obras de arte é uma atividade em ascensão. Estima-se que o comércio mundial de obras roubadas e falsificadas movimente mais de 6 bilhões de dólares por ano. Só o tráfico de drogas, o contrabando de armas e a lavagem de dinheiro são mais lucrativos. Alguns museus pagam resgate para recuperar a obra.

A outros museus os ladrões não dão essa chance, diz Wittman. Em alguns casos, eles tentam vender a obra no mercado aberto. Mas isso raramente funciona; afinal, o colecionador bem-informado não vai querer comprar um Monet roubado que não poderá expor publicamente.

Assim, as obras de arte roubadas tendem a permanecer no submundo durante uns sete anos, em média, antes que se encontrem compradores. Quando vendidas, o preço costuma ficar entre 7% e 10% do valor original. Nada mau, considerando-se que algumas valem milhões.

As autoridades suecas não têm de esperar muito para recuperar um dos Renoir, chamado *A conversa*. Seguindo uma pista, a polícia resgata a pintura. Treze pessoas são presas, entre elas três irmãos de origem iraquiana. Dois deles, Baha e Dieya Kadhum, são absolvidos; apenas Safa, o irmão do meio, é condenado. Mas os outros dois quadros não são encontrados. E, depois que Baha e Dieya são libertados, a pista esfria.

os Angeles, 25 de março de 2005, 15h. Policiais do departamento local de Combate ao Crime Organizado, em busca de drogas, prendem um suspeito de integrar

uma quadrilha eurásiana. Dessa vez, não encontram drogas, mas acham uma pintura, o retrato de uma mulher com um laço no pescoço. Para descobrir quem é ela, chamam um curador local, além de Bob Wittman e sua Equipe de Crimes de Arte do FBI. Depois de escanear fotografias e conferir bancos de dados, o quadro é identificado como *Jovem parisiense*, o outro Renoir roubado há quase cinco anos na Suécia.

Quando os agentes interrogam um dos ladrões presos com o Renoir, ele revela onde está outro quadro, bem mais valioso, tirado do Nationalmuseum: o Rembrandt. Revela também o

nome das pessoas que estão com o *Autorretrato* e como entrar em contato com elas. De posse das informações, Wittman e o detetive Magnus Osvald, seu colega da polícia de Estocolmo, tramam uma armadilha para recuperar o Rembrandt. “Fingi ser um especialista em obras de arte de uma quadrilha europeia nos Estados Unidos”, explica Wittman. “Fui a Copenhague e entrei em contato com as pessoas de Estocolmo que guardavam a pintura.”

Hotel Scandic, Copenhague, 15 de setembro de 2005, 10h. Em seu quarto, Wittman espera um telefonema. Está acostumado a viver de mala na mão. Há meses em que passa mais tempo ao celular do que em casa, com os três filhos e a mulher, com quem é casado há 23 anos. Além dos Estados Unidos, já trabalhou no Brasil, no Equador e na França – 18 países, no total.

Seis roubos famosos

1473 Um caso medieval. O *Juízo Final*, tríptico de altar do pintor flamengo Hans Memling, é roubado por piratas em

trânsito de Flandres para Florença. Um pirata caridoso doa a pintura a uma igreja. Hoje, ela está no Museu Nacional de Gdansk.

1876 O vigarista Adam Worth, que supostamente inspirou Moriarty, o vilão de Arthur Conan Doyle, sobe nos ombros de seu ajudante de dois metros de altura para alcançar a janela de uma galeria de arte em Londres. E sai com o retrato de Georgiana, Duquesa de Devonshire, pintado por

Gainsborough e avaliado em 10 mil guinéus, recorde mundial na época (hoje, 1 milhão de dólares). Recuperado, o

retrato hoje está em seu lar ancestral.

1911 Ladrões roubam do Louvre a

Mona Lisa. Um dos interrogados é um jovem pintor espanhol chamado Pablo Picasso. O ladrão foi um funcionário do Louvre que roubou o quadro a pedido de um falsificador de obras de arte, que



Nesse dia, como sempre, hospedou-se no hotel com nome falso, usando documentos falsos. Fingir ser outra pessoa faz parte do serviço. É útil ter um rosto fácil de esquecer. Nenhuma característica exótica, nenhuma cicatriz, nenhuma orelha deformada. Altura mediana, compleição mediana. Um sujeito comum. Numa sala cheia, ele se mistura ao fundo, como a mariposa camuflada no tronco da árvore.

Às vezes, isso pode ser ruim. Há três anos, num hotel de Madri, teve de se jogar no chão quando uma equipe da polícia espanhola arrombou o quarto para prender Ángel Suárez Flores, chefe de uma quadrilha. Flores oferecera a Wittman uma das pérolas da arte flamenga medieval, a *Tentação de Santo Antônio*, de Pieter Brueghel, o Velho. Ela fora tirada do apartamento da mulher mais rica da Espanha, junto de quadros de Goya, Pissarro e do japo-

nês Foujita – um roubo de 50 milhões de dólares. Quando os policiais invadiram o quarto, Wittman ficou com medo que não soubessem que ele estava do mesmo lado. Saiu vivo porque mergulhou debaixo da cama, gritando: “Não atirem! Sou do bem!”

Quando Wittman conta a quantia que trouxe dos Estados Unidos para comprar o Rembrandt, 250 mil dólares, o celular toca. É a polícia sueca, que estava de vigilância ao longo do caminho, desde Estocolmo. “Os três ladrões vieram de trem, um deles trazendo o quadro numa sacola de compras”, lembra ele. “Mudaram de trem na fronteira entre Suécia e Dinamarca.”

A polícia sueca não prendeu os homens de imediato. Queria pegá-los vendendo o Rembrandt a Wittman. Baha e Dieya Kadhum, os dois irmãos de origem iraquiana absolvidos, e um sueco

queria fazer cópias da dama famosa. A *Mona Lisa* foi devolvida em 1913.

1969 A *Natividade*, de Caravaggio, é furtada de uma igreja siciliana. Dizem que um chefe da Máfia a roubou para dá-la à mãe, que estava doente demais para ir à igreja vê-la. Nunca mais foi encontrada.

1990 O maior roubo de obras de arte dos Estados Unidos acontece no Museu

Isabella Stewart Gardner, em Boston. Ladrões vestidos em fardas da polícia entram no museu e saem com 13 obras de Rembrandt, Vermeer,



Manet, Degas e outros, avaliadas em cerca de 300 milhões de dólares. O caso não foi resolvido, e as obras ainda estão desaparecidas.

2001 O garçom francês Stéphane Breitwieser é acusado de furtar quase 200 quadros e objetos de arte, no valor de 1 bilhão de dólares, de museus da Europa. Quando a mãe descobre que o filho foi preso, faz o que toda boa mãe faria: corta os quadros em pedacinhos e joga os objetos num canal.

de 29 anos chamado Alexander Lindgren acham que estão prestes a dar o último passo em um dos maiores roubos de arte da história. Em vez disso, vão cair numa armadilha preparada com perfeição.

Em Copenhague, Lindgren e os dois irmãos Kadhum dão algumas voltas em torno do hotel para se certificar de

que os bandidos passam da suspeita à confiança. Wittman chama esse instante de “momento da aceitação”. O período que vem pouco antes é o mais perigoso. Um lábio suado, um sorriso ansioso demais e ele pode se entregar e acabar morto. Mas, com os anos de prática na arte de enganar, quando Baha entra no quarto do hotel, Witt-

man parece tão afável quanto um professor de História. É Baha quem fica nervoso quando Wittman o revista para garantir que ele não traz armas de fogo nem facas.

“Ele não parava quieto”, recorda Wittman. Baha Kadhum vasculha o quarto com os olhos, como se suspeitasse da presença de mais alguém. “Só quando vê o dinheiro é que começa a relaxar. Ele confia no dinheiro. E esse é o seu erro.”



Negócio de família? Os irmãos Baha e Dieya Kadhum foram presos duas vezes, mas libertados depois.

que não estão sendo seguidos. Wittman, usando o número que recebeu do delator em Los Angeles, liga para eles pelo celular e combina encontrar o chefe, Baha Kadhum, no saguão.

Baha tem quase 30 anos. Usa *jeans* de marca, camiseta e sapatos de couro. “Discutimos como faríamos o negócio”, diz Wittman. “Subiríamos e eu lhe mostraria o dinheiro. Se ficasse satisfeito, me mostraria o quadro, que estava lá fora, com os outros dois.”

Em cada operação secreta, há um ponto de equilíbrio, um momento em

Baha Kadhum diz que voltará com o quadro dali a pouco. Meia hora depois e nada dele. E se algo deu errado? E se o disfarce de Wittman foi descoberto? E se não “estiver limpo”?

“Estar limpo” é gíria do FBI e significa que o rastro do agente não foi seguido. Os ladrões de obras de arte são cautelosos, diz Wittman. “Em geral, tem gente me seguindo por algum tempo. Assim, até estar limpo, não vou a lugar algum aonde não deveria ir. Mas é preciso nunca se esquecer dessa possibilidade”, explica o agente.

E é preciso praticar sempre a con-

travigilância. Mas nunca só. O quarto de Wittman tem microfones e uma câmera escondida num abajur.

“Depois que lhe mostro o dinheiro, Baha sai do quarto e desce”, conta Wittman. “Os outros dois estão na rua, com a sacola. Os três vão até outro hotel, onde um quarto homem está com a verdadeira pintura.” Ele sorri. “Eles são bons.” Quando Baha volta, traz consigo o quadro, numa bolsa de feltro vermelho amarrada com cordão.

– Chegou a tirá-lo da moldura? – pergunta Wittman.

– Nunca o toquei – diz Baha.

– Você gosta de arte?

– Não, só estou nisso por dinheiro.

Wittman leva o quadro até o banheiro e usa uma minilâmpada ultravioleta e uma luz negra para verificar se há vestígios de falsificação ou dano. O desfecho está a poucos segundos.

Desligando a lâmpada, dá o sinal combinado.

– Negócio fechado! – diz, em voz alta.

Quando a polícia dinamarquesa invade o quarto, Wittman protege o quadro com o corpo. Os cinco policiais estão com colete à prova de bala e usam armas semiautomáticas.

– Parado! – gritam para Baha.

Nationalmuseum, Estocolmo, 20 de setembro de 2005, 18h. Rolhas de champagne e *flashes* espocam quando o *Autorretrato* de Rembrandt volta a ser pendurado. Para o povo da Suécia, ele é um amigo querido. Vidro à prova de balas e câmeras de segurança ajudam a garantir que ele não sumirá de novo.

Não há champagne para Wittman.

E por aqui...

Na madrugada de 20 de dezembro de 2007, em uma ação que não levou mais de quatro minutos, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) foi arrombado por ladrões que levaram duas de suas principais obras. *O lavrador de café*, de Portinari, e *Retrato de Suzanne Bloch*, de Picasso, estavam em exibição no 2º andar, em salas separadas e distantes, e foram, portanto, alvos específicos da ação. As câmeras do museu, que não tinha sistema de alarme, gravaram a movimentação dos ladrões. Especialistas calculam que as duas obras, juntas, valem mais de R\$ 100 milhões. Em janeiro de 2008, a polícia recuperou os quadros, que estavam numa casa na Grande São Paulo, e prendeu dois suspeitos. O museu reabriu as portas, já com as pinturas instaladas, e, claro, com a segurança reforçada: agora existem uma central de monitoramento, câmeras com infravermelho e alarmes de presença.

Ele já está de volta aos Estados Unidos, disfarçado, trabalhando em outro caso. Os convidados que brindam não sabem como foi complicado montar a armadilha. Nem como um americano discreto, cujo rosto ninguém lembra, arriscou a vida para ajudar a recuperar o *Autorretrato*. Mas Wittman não é nenhum mártir. Basta lhe perguntar como é segurar um Rembrandt.

– É um momento mágico... – diz ele, com um largo sorriso.

Os irmãos Kadhun e Alexander Lindgren foram condenados por receptação de objetos roubados, mas depois a pena foi suspensa pelo tribunal de recursos sueco, que considerou que eles foram “provocados” pelas polícias americana e sueca. Ainda moram na Suécia. ■